

## Em busca de Eros: do Caos ao nascimento do amor

Cássia Amélia Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo visa a compreensão a respeito de como a mitologia pode ser utilizada como recurso terapêutico. Além disso, a contribuição para o desenvolvimento da identidade do paciente, com a elaboração do complexo materno negativo, através da circunambulação, possibilitando a vivência de relacionamentos saudáveis nos âmbitos familiar, afetivo e social.

### Palavras-chave

complexo materno, individuação, Mito de Eros.

### ABSTRACT

Article aims at understanding how mythology can be used as a therapeutic resource. In addition, the contribution to the development of the identity of the patient, the complex negative breast through circunambulação, allowing you to experience healthy relationships within the family, affectionate and social.

### Keywords

breast, it can be complex, myth of Eros.

### 1. Do Caos ao nascimento do Amor

Eros nasceu do Caos. Para Brandão (2002), como o deus do Amor, Eros, preenche o vazio, tornando-se, assim, o elo que une o Todo a si mesmo. Tem caracteres bem definidos e significativos: sempre em busca de seu *objeto*; “a plenitude”. Eros é, então, uma

força, uma “energia”, perpetuamente insatisfeito e inquieto: sempre em busca de uma *plenitude*. Conforme Brandão (2002), o Amor é a força, a alavanca que canaliza o retorno à unidade; é a reintegração do universo, marcada pela passagem da unidade inconsciente do Caos primitivo à unidade consciente da ordem definitiva.

### 2. Vivência do complexo materno negativo

O ego segue uma evolução análoga à do universo - o amor é a busca de um centro unificador, que permite a realização da síntese dinâmica de suas potencialidades. A partir dessa concepção se retrata a trajetória de M. em busca de Eros.

M. que apresentou a vivência do complexo materno originalmente negativo, tenta com a psicoterapia a elaboração deste. De acordo com Kast (1997), complexos são conteúdos inconscientes dotados da mesma emoção e mesmo núcleo de significados. “Cada evento carregado de afeto torna-se um complexo” (KAST, 1997, p. 42). Desta forma, quando esses conteúdos inconscientes são ativados por meio da emoção ou do significado, complexos são constelados, trazendo à tona a emoção pertencente a ele. “Uma emoção de toda a história de vida e dos modos desajustados de comportamentos daí resultantes, que ocorrem de maneira estereotipada” (KAST, 1997, p. 42).

<sup>1</sup> Cássia Amélia Gomes é Mestranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Unesp/Bauru, Especialista em Psicologia Clínica pelo HRAC/USP, - cassia\_psy@yahoo.com.br

Stein (2000) salienta que a psique é repleta de diversos complexos que vão se formando no decorrer do desenvolvimento da personalidade. A severidade do complexo dependerá da quantidade de energia psíquica que nele estiver contida. Jung (1934/2000a) esclarece que o arquétipo materno é a base para o complexo materno e que a mãe está ativamente presente na origem da perturbação. Desta forma, compreendemos o quão importante é para a pessoa a relação mãe-filho como peça-chave para o desenvolvimento saudável ou não da identidade. “É necessário sermos capazes de dar como de receber, de acolher e de sermos acolhidos, de alimentar e de sermos alimentados... precisamos ser capazes de cuidar e de nos deixarmos ser cuidados” (VARGAS, 2004, p. 62).

Como todo arquétipo, o da Grande Mãe tem tanto aspectos positivos quanto negativos, que pode apresentar-se de inúmeras formas, revestido por uma infinidade de imagens. Conforme Neumann (2001), a psicologia analítica entende que o complexo materno é fundamentado pela experiência com a mãe e quando constelado age em sua especificidade, levando ao ego informações da mãe, carregadas de afetividade. Desta forma, o complexo materno remonta a fase mais infantil e primitiva do ego e, em suas implicações pode atrapalhar ou até impedir a aquisição de uma identidade verdadeira, bem

como o reconhecimento do indivíduo sobre si mesmo.

Quando ativo e inconsciente o complexo materno leva a uma fixação na mãe e acarreta impedimento de o sujeito seguir adiante em busca de sua auto-realização.

O complexo materno nem sempre é detectado facilmente, portanto, freqüentemente não é caracterizado como desvio patológico e sua atuação pode ser apreendida de diferentes formas, em diferentes fases da vida e, inclusive, pode causar muitos empecilhos na vida relacional (PORTILLO, 2004).

De acordo com Kast (1997) a vivência de complexos originalmente positivos influenciam positivamente sobre o sentimento de vida e, assim sobre o desenvolvimento da identidade. Sendo assim, a vivência do complexo materno negativo impossibilitava M. de buscar a si mesmo, sentindo-se paralisado.

### **3. O processo psicoterápico**

Utilizando-se do mito de Eros e da elaboração do complexo materno negativo buscou-se contribuir para o desenvolvimento da identidade de M., através da circunambulação, possibilitando a vivência de relacionamentos saudáveis nos âmbitos familiar, afetivo e social.

Assim, se trata de um estudo de caso atendido na Unidade Básica de Saúde de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, utilizando-se da Psicologia Analítica como referencial teórico. O estudo foi realizado

através de análise qualitativa dos relatos verbais e uso de Técnicas Terapêuticas Junguianas.

O paciente procurou pelo serviço de psicologia com a queixa de sintomas de Transtorno Afetivo Bipolar (F31). Com o decorrer das sessões, verificou-se a vivência do complexo materno negativo através do uso de técnicas, as quais, a dialética entre a terapeuta e o paciente, análise de sonhos, amplificação do mito de Eros, com o intuito de buscar a ampliação da consciência, agregando conteúdos que se encontravam desagregados, no caso de M., referente ao complexo materno negativo. Assim, foi necessário, criar um ambiente protegido, através do qual M. se sentisse seguro, um *Temenos*, para que o paciente pudesse encontrar motivação para buscar a ampliação da consciência e com isso caminhar rumo à individuação.

#### **4. Relação conflitiva com o feminino – arquétipo da mãe Bruxa**

A relação negativa com a mãe levou o mesmo a projetar nas demais mulheres essa vivência. Assim, ao não conseguir relacionar-se de maneira sadia com a mãe, enxergando esta como nutridora, protetora passou a sentir-se desamparado, paralisado, imerso no Caos, não sendo capaz de desenvolver sua identidade, se mantendo fixado ao pólo negativo do arquétipo materno, à Bruxa, aquela que aniquila que não protege.

M. vivenciou o arquétipo da Mãe-Bruxa, percebendo que esta não poderia protegê-lo, nutri-lo, mas apenas, impor que seguisse suas ordens. A relação com essa Mãe-Bruxa ocasionou em M. o desenvolvimento de complexos, dentre eles o do desamparado, que necessita de acalento, de proteção. Na mãe M. vi apenas a “linguagem sexual” como estratégia para se comunicar e buscar proteção e acalento. Com isso passou a relacionar-se sexualmente com essa mãe, vendo como a única forma de receber desta o afeto de que necessitava.

#### **5. O nascimento do amor**

Após dois anos de psicoterapia M. vem conseguindo encontrar o Eros, sendo que o mesmo deixou de expressar-se por meio da “linguagem sexual”, sendo capaz de expressar-se pela “linguagem do amor”, pois vem buscando a maturidade nas relações familiar, social e afetiva.

M. vem conseguindo buscar a ampliação da consciência através da psicoterapia, a qual tem lhe proporcionado à elaboração de conteúdos que antes se encontravam imersos no inconsciente. Com isso, M. vem conseguindo por circunambulação agregar em sua consciência aspectos do complexo materno negativo que impulsionava o mesmo a projeção negativa desse complexo na relação com o feminino. Podemos dizer que, M. encontra-se em processo de desenvolvimento da identidade

conseguindo sair do Caos e vivenciar o Eros, através do nascimento do amor, sendo esse projetado para as relações com a família, sociedade e o feminino.

## 6. Considerações finais

A Psicologia Analítica compreende que ao nascer, o ser humano traz consigo uma predisposição pessoal, indicando que há uma direção específica e individual para cada pessoa. Assim, O *Self* indica a direção e cabe ao ego realizá-lo; sendo a família a mola propulsora, que auxilia (de maneira positiva ou negativa) a pessoa a buscar sua individuação. No caso do complexo materno negativo, se sabe que se torna impossível extingui-lo por completo. Entretanto, ele poderá se modificar e ser integrado ao consciente na medida em que for vivenciado conscientemente e houver um *diálogo* do ego com componentes do complexo.

### Referências:

BRANDÃO J. de S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Editora Vozes, 17ª edição, volume I, 2002.

JUNG C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. vol. IX/I. Petrópolis: Vozes. (Texto original publicado em 1934), 2000a

KAST, V. *Pais e Filhas, Mães e Filhos: caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno*. São Paulo: Loyola, 1997.

KAST, V. *A Dinâmica dos Símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana*. São Paulo: Loyola, 1997.

NEUMANN E. *A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente*. São Paulo: Cultrix, 2001.

PORTILLO, V. G. *O Complexo Materno Não Resolvido*. [on-line]. Disponível em: [ <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos> ], 2004.

STEIN, M. *Jung o mapa da alma*. 10ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

VARGAS, N. S. *Terapia de Casais: uma visão junguina*. São Paulo: Madras, 2204

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP  
Av. Engº Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01  
Bairro: Vargem Limpa – Bauru – SP  
CEP: 17033-360